

## As Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto: notas sobre um cotidiano acadêmico angolano

### The Social Sciences of Agostinho Neto University: Notes on an Angolan academic daily life

**Yérsia Souza de Assis**

Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia/CFP;  
Doutora em  
Antropologia/UFSC.  
E-mail:  
[souzaversia@gmail.com](mailto:souzaversia@gmail.com)

#### Resumo

A Faculdade de Ciências Sociais é uma das unidades orgânicas da Universidade Agostinho Neto em Angola, na África. Neste texto busco, através de notas etnográficas, discutir as relações acadêmicas por mim observadas nesse espaço universitário. Empregando atenção às interpretações que os meus interlocutores ofereciam sobre este lugar, problematizo sobre os avanços, as contradições, as renúncias e as aderências que o universo do ensino superior em Angola tem esquadrihado. Através de uma observação participante, este texto reflete em quais momentos a vida acadêmica da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto tem experimentado. O texto também apresenta um panorama acerca das mobilizações históricas que essa Faculdade tem ocupado no cenário acadêmico angolano. Acrescido a isso, este artigo apresenta notas sobre em quais termos as Ciências Sociais, enquanto disciplina e escola teórica, tem sido pautada no contexto social angolano.

**Palavras-chaves:** Angola. Ensino Superior. Ciências Sociais. Universidade Agostinho Neto.

#### Abstract

The Faculty of Social Sciences is one of the organic units of the Agostinho Neto University in Angola, Africa. In this text, I seek, through ethnographic notes, to discuss the academic relations I observe in this university space. Paying attention to the interpretations that my interlocutors offered about this place, I problematize the advances, contradictions, renunciations and adhesions that the universe of higher education in Angola has scrutinized. Through a participant observation, this text reflects on the moments in which the academic life of the Faculty of Social Sciences of the Agostinho Neto University has

experienced. The text also presents an overview of the historical mobilizations that this Faculty has occupied in the Angolan academic scenario. In addition, this article presents notes on the terms in which the Social Sciences, as a discipline and theoretical school, have been based on the Angolan social context..

**Keywords:** Angola. Higher Education. Social Sciences. Agostinho Neto University.

## 1 “Tás a ver?” Essa é a nossa Faculdade.

Conversando com os estudantes, tentei notar o que eles também pensam quando falam: “Tás a ver? Essa é a nossa Faculdade”. Em alguns momentos, acho que é simplesmente uma frase de apresentação que se encerra em si. Em outros, considero que há algum tipo de indignação embutida. Também acredito que exista uma perspectiva de prestígio, pois se trata da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, a universidade pública com mais prestígio do país. (Luanda, 19 de setembro de 2017<sup>1</sup>).

Ao iniciar as minhas atividades de campo em Luanda, estive pela primeira vez na Faculdade de Ciências Sociais, duas semanas após a minha chegada. Essa primeira ida teve um caráter de visita ao local, que se constituiria no ambiente das atividades cotidianas a serem desenvolvidas. Nesse primeiro dia, fui conduzida pela antropóloga Teresa Aço<sup>2</sup> e pelo orientador da pesquisa em Angola, professor Nkosi<sup>3</sup>. Estava, assim, conhecendo o lugar onde realizaria boa parte das tarefas da pesquisa. Nessas primeiras idas, formulei algumas questões, das formulações feitas, considero para esse texto que duas delas podem ser acionadas: Como tem sido a vida acadêmica da Faculdade de Ciências Sociais da UAN? Como seria “fazer” Ciências Sociais em Angola, em Luanda? Em algumas notas e pequenas reflexões tento responder a essas indagações ao longo deste texto.

---

<sup>1</sup>Trata-se de trecho do meu Diário de Campo, produzido durante a realização da pesquisa em 2017. Utilizo em outros momentos excertos do Diário, com finalidade estritamente etnográfica.

<sup>2</sup>Professora Teresa Aço tem meu profundo agradecimento pela recepção e atenção comigo e com o desenvolvimento da pesquisa. A professora Aço estendeu seus préstimos para além das atribuições vinculadas ao projeto Kadila, que subvencionou esta pesquisa.

<sup>3</sup>Meu também profundo agradecimento ao professor José Nkosi, por toda a assistência na condução e no desenvolvimento da pesquisa.

Para isso, escolhi fazer uma pequena descrição do espaço físico e interativo da Faculdade de Ciências Sociais, com vistas a retratar o ambiente no qual o estudo se desenvolveu, considerando a relevância dessas informações para as reflexões que busco empreender ao longo do texto. Antes disso, faço um apontamento geral do ponto de partida do estudo que subsidia este texto. Em outras palavras, apresento brevemente quais foram os meus itinerários.

Em 2017, realizei uma parte da minha pesquisa de doutorado em Angola, o objetivo era compreender as dinâmicas do ensino superior angolano; e o espaço escolar eleito para isso foi a Faculdade de Ciências Sociais, ponto central da discussão aqui empreendida. Ademais, o trabalho desenvolvido esteve vinculado ao Projeto Kadila: Culturas e Ambientes<sup>4</sup>, um projeto de cooperação acadêmica entre a UFSC<sup>5</sup> e a UAN<sup>6</sup>; a parceria acontece pelas aproximações entre o NUER<sup>7</sup> e o CEDO<sup>8</sup>.

Vou para Angola/Luanda na condição de estudante de doutorado brasileira, com financiamento do Estado brasileiro na modalidade de Doutorado Sanduíche, modalidade esta, inserida em um programa da CAPES juntamente com a AULP – Associação de Universidades de Língua Portuguesa, e que tinha uma especificidade: fortalecer relações entre a ciência brasileira e a ciência do continente africano. Desta feita, universidades como a UAN, bem como instituições de ensino superior de Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe passam a ser consideradas como destinos acadêmicos e de pesquisa. Neste itinerário de possibilidades e escolhas, faço a opção por desenvolver uma parte do meu Doutorado em Angola.

A pesquisa levou em consideração também o Brasil, com a finalidade de colocar em diálogo os dois países. Das muitas possibilidades que uma interlocução como essa pode promover, a escolha foi refletir como a produção de conhecimentos entre esses países tem sido pensada a partir da chave da história da África e da cultura afro-brasileira; esta última muito a partir do Brasil. Aqui não faço remissão a essa discussão mais central do trabalho de tese. Concentro-me nas notas

---

<sup>4</sup>Para mais informações, acessar: [kadila.net.br](http://kadila.net.br).

<sup>5</sup>Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil.

<sup>6</sup>Universidade Agostinho Neto/Angola.

<sup>7</sup>Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas/Brasil.

<sup>8</sup>Centro de Estudos do Deserto/Angola.

etnográficas que apresentam a FCS e o que isso pode trazer de relevo para pensar o ensino superior angolano e a sua conexão com as Ciências Humanas locais. Feito esse apontamento, retomo a apresentação da FCS.

A FCS está situada no bairro Alvalade<sup>9</sup>, próximo ao aeroporto 4 de Fevereiro e outros pontos referenciais da cidade de Luanda, como o Largo das Heroínas<sup>10</sup> e o Primeiro de Maio<sup>11</sup>. Está situada em uma avenida central, chamada Ho Chi Minh<sup>12</sup>, que direciona para vários bairros e zonas da cidade de Luanda, como o Aeroporto 4 de Fevereiro, bairros como Rocha Pinto e Morro Bento, Prenda e também para Maianga<sup>13</sup>, todos bairros de Luanda. Relaciono-os, aqui, para ilustrar o modo como essa avenida funciona feito uma escoadora da mobilidade urbana. Por isso, a sua importância.

O entorno da FCS é composto por residências, comércios, um grande supermercado, localizado dentro de um shopping, que está parcialmente concluído e, por isso, não opera integralmente. Além de um hospital particular, existem paragens para uso de transporte público (candongueiros<sup>14</sup>, carros particulares que transportam pessoas, motocicletas com serviços de *motoboy*); está em uma região central e

---

<sup>9</sup>Bairro Alvalade. Situado no distrito da Maianga, pertence ao município de Luanda. O bairro foi construído pelos portugueses em uma inspiração ao bairro Alvalade, de Lisboa. Foi fundado na década de 1950. No período colonial, a edificação do bairro esteve associada à promoção de equipamentos ligados à cultura e ao desporto, além de ser um bairro com concentração de áreas verdes. Atualmente, existem edificações do período colonial, mas em concorrência com novas edificações.

<sup>10</sup>Segundo Jacob, “Em substituição desses monumentos deixados pelos portugueses, novos se ergueram, aproveitando antigos espaços, ou em novas praças traçadas após a independência, como é o caso da estátua do primeiro Presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto, no Largo 1º de Maio, e do grupo escultórico que lembra as quatro Heroínas, no largo homônimo” (Jacob, 2011, p. 37). As heroínas são Deolinda Rodrigues, Irene Cohen, Engrácia Paim e Lucrecia dos Santos, mulheres que estiveram juntas no *front* de batalha pela Independência de Angola.

<sup>11</sup>Como explicado em nota anterior, o Largo Primeiro de Maio abriga a estátua em homenagem ao primeiro presidente da Angola. Situado em ponto central para mobilidade em Luanda, esse espaço se tornou um local que abriga manifestações públicas de diversas ordens, desde favoráveis ao Estado angolano como contrárias. Símbolo de luta e resistência em Angola que se reinventa enquanto lugar à medida das dinâmicas que mobilizam a vida angolana.

<sup>12</sup>Nguyen Tat Thanh (1890-1969). “Foi um líder comunista vietnamita e principal articulista da luta do Vietnã contra o domínio colonial francês. (...) Fundador do comunismo vietnamita”. Disponível em: <[https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/h/ho\\_chi\\_minh.htm](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/h/ho_chi_minh.htm)>.

<sup>13</sup>Maianga nomeia um distrito do município de Luanda.

<sup>14</sup>Nome ofertado às vans e minivans que circulam na cidade de Luanda fazendo transporte de pessoas, são utilizados também em outras províncias de Angola. São transportes públicos. Em geral, as cores são azuis e brancas. Existem paragens para se apanhar e descer. Fazem trajetos variados. Além desse nome, também são chamados de táxi. Em Luanda, os candongueiros concorrem com os Tcul – Transporte Coletivo Urbano de Luanda. Embora os veículos Tcul sejam em menor número e não circulem por tantos destinos como os candongueiros.

focalizada da cidade de Luanda. A sua estrutura é constituída por três blocos: dois prédios, sendo um deles com andares, e outro feito de containers; e que conta também com um pavimento superior e, por último, o anexo. No centro, mas não fazendo parte da Faculdade de Ciências Sociais, existe a Faculdade de Arquitetura, que difere um pouco dos outros prédios. Além desses, existe mais uma estrutura predial a qual não tive acesso. A Faculdade de Ciências Sociais funciona no antigo prédio do INE<sup>15</sup>, sendo aí o lugar onde estão instaladas as salas de aula, salas dos docentes, bibliotecas e banheiros para estudantes. Não existiam, até a data da realização da pesquisa, instalações novas, ou outras direcionadas à FCS, sendo, portanto, herdeira de equipamentos públicos de outra instituição angolana.

No edifício central também estão situadas as salas de aula da pós-graduação, bem como a sala do decano/a<sup>16</sup>. Existem, também, laboratórios destinados a estudo e pesquisa, aos quais tive acesso apenas uma vez em uma situação de entrevista em que o docente interlocutor considerou aquele espaço propício para a nossa conversa. Ainda na edificação mencionada acima, há as salas da administração da FCS e também da Associação de Estudantes. Um guarda cuida do controle de acesso à entrada, além de outros seguranças espalhados entre os andares. Os outros prédios são menores e as suas estruturas mais específicas. No Anexo, existem apenas salas de aula, um pequeno espaço administrativo, uma sala para docentes, estacionamento e um banco que acolhe a demanda da comunidade universitária, mas também do público externo à universidade.

No Anexo é, também, onde está situada a banca de livros da Faculdade de Ciências Sociais, em uma grande mesa coberta por um toldo. Nela estão expostos livros produzidos pela editora<sup>17</sup> da instituição aludida, livros de docentes da FCS e de

---

<sup>15</sup>Instituto Nacional de Estatística. “O Instituto Nacional de Estatística (INE) é um serviço público, cujo objetivo é assegurar a produção e a difusão das estatísticas oficiais, bem como a coordenação técnico-científica do Sistema Estatístico Nacional.” Disponível em: <<http://www.ine-ao.com/perfilIne.html>>.

<sup>16</sup>A função institucional de Decano/a se equivaleria no Brasil a um Pró-reitor/a ou Diretor/a de Centro.

<sup>17</sup>Edições Mulemba. Com traço editorial voltado para as publicações e traduções de textos das Humanidades. As Edições Mulemba concentram coletâneas de publicações. Dessas coletâneas, a coleção ‘Reler África’ tem maior número de materiais publicados, bem como é considerada o cartão de visitas da Editora. As edições Mulemba publicam seus textos em parceria com a Editora portuguesa ‘Pedago’. Além da Coleção Reler África, fazem parte também as coleções ‘Biblioteca de Ciências Sociais e Humanas’, ‘Oficina de Ciências Sociais e Humanas’, ‘Horizontes das Ciências Sociais e Humanas’, ‘Incubadora das Ciências Sociais e Humanas’ e ‘Cadernos de Ciências Sociais – Série Ciência Política’.

outros docentes vinculados, ou não, à FCS, além da mostra de algumas revistas científicas, como a RAS – Revista Angolana de Sociologia; livros de outras editoras nacionais, como a Chá de Caxinde,<sup>18</sup> também são comercializados. Não havia, ao menos em 2017, um espaço físico destinado à comercialização do material acadêmico produzido pela Faculdade; uma livraria, por assim dizer. Na banca havia livros brasileiros que estavam sendo comercializados, títulos acadêmicos e não acadêmicos.

Já a Faculdade de Ciências Sociais conta com uma edificação formada por um conjunto de containers agregados, que forma uma unidade predial com um único andar. Nesse bloco, estão situados os departamentos, as salas da coordenação dos cursos, bem como das secretarias. Existe uma sala central para os docentes e no piso superior estão as salas da coordenação e da pós-graduação, assim como de laboratórios de pesquisa e o Centro de Estudos Africanos. A sala da editora da FCS também se encontra nos containers. Cabe apontar que, em boa parte das minhas conversações, os interlocutores sublinharam que esse bloco em específico é uma instalação provisória, haja vista que ‘não tem cabimento nos manterem aqui. Não é, professora Yérsia?’<sup>19</sup>. Nessa indagação, eu me mantinha isenta. Apenas gesticulava, mostrando a minha imparcialidade, a minha neutralidade diante do assunto.

Das estruturas que são consideradas mais inadequadas para discentes e docentes, em primeiro lugar fica o bloco ou o “prédio dos containers”, nomeação dada por mim. Esse prédio é considerado, por docentes e discentes, impróprio ao trabalho intelectual, tendo em vista a sua grande exposição aos raios solares, além de possuir as menores instalações. Mesmo assim, tem suas funcionalidades mais voltadas aos aspectos administrativos da vida acadêmica na FCS.

---

<sup>18</sup>Chá de Caxinde. Associação Cultural e recreativa. Editora. Espaço cultural situado na Baixa de Luanda. Segundo Micas (2014), “já nos anos 2000, outra atividade veio se juntar ao diversificado cardápio da Chá, como é conhecida por seus frequentadores: a edição e a comercialização de livros. Hoje são cerca de 150 títulos editados, entre romances, livros de contos e poesias, ensaios no âmbito das ciências sociais e publicações voltadas para o público infante-juvenil, que incluem autores como Pepetela, Arnaldo Santos, Boaventura Cardoso, José Eduardo Agualusa, Ondjaki e Ruy Duarte de Carvalho” (Micas, 2014, p. 13). A editora Chá de Caxinde mantém uma livraria para comercialização de suas próprias obras produzidas, como de outras editoras de Angola, do Brasil e de Portugal.

<sup>19</sup>Não me apresentava como professora, mas, sim, como estudante de doutorado do Brasil realizando pesquisa de campo na modalidade estágio – sanduíche. No entanto, dadas as formalidades nas relações e etiquetas da sociedade angolana, esses aspectos se reproduzem no ambiente acadêmico. E, em razão disso, eu era denominada como professora, às vezes por docentes e em quase todas as interlocuções com discentes. Funcionando como uma vênua que mantém a formalidade, o respeito e a distância na relação estabelecida.

No piso superior, existiam salas de centros de pesquisa, aqui já mencionadas; não tive oportunidade de acessá-las. Liberato e Bota (2019) apontam que esse tipo de estrutura física, com aspectos precários, acaba por criar outros tipos de constrangimentos que se refletem na qualidade, no desenvolvimento e na produção acadêmica da FCS.

Outra construção que funciona no pequeno complexo<sup>20</sup> de prédios da FCS/UAN é o Departamento de Arquitetura, situada ao centro, é a primeira a ser vista quando da entrada no complexo da FCS, com uma fachada diferente das outras estruturas prediais, sem andares e com algumas árvores, gramas e flores no seu entorno. O maior orgulho desse departamento é ter tido em seus quadros docentes o senhor Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, ou Pepetela. Formado em Sociologia, ministrou aulas no departamento assinalado, tendo começado sua carreira na década de 1980; hoje é professor titular reformado. Vale notar que algumas pessoas me informaram orgulhosamente a saber: “olha, tás a ver a Faculdade de Arquitetura. Pepetela deu aulas aqui”.

Sempre que surgia esse comentário, havia uma aura de prestígio imputada ao espaço que a FCS compartilhava junto ao prédio da Arquitetura e ao aspecto ilustre que aquele espaço carregava. Eu não consegui entender se efetivamente o Pepetela ministrou aulas onde hoje estão situadas a FCS e a Faculdade de Arquitetura, ou se o fato de ele ter sido um docente ilustre contagiou as narrativas que são feitas sobre o espaço até hoje. Contudo, ressalto que o curso de Arquitetura, segundo a organização departamental da UAN, está ligado à Faculdade de Engenharia.

A Faculdade de Ciências Sociais como foi-me apresentada, em setembro de 2017, alcançou algumas melhorias desde a fundação em 2010, como apontaram alguns interlocutores: “Hoje, como digo, mesmo que veja aquilo muito precário, é um luxo”, disse-me uma vez uma docente da FCS. Cabe destacar que antes de 2010, as Faculdades de Letras e Ciências Sociais eram unificadas e foram fundadas no ano de 2003, um ano após o cessar da guerra civil angolana. Até 2009, essas faculdades

---

<sup>20</sup>Chamo de complexo, pois são três prédios que dividem uma mesma extensão de espaço, não interligados na estrutura, embora o Anexo e o Bloco Principal partilhem espaços destinados às aulas.

mantiveram suas atividades conjugadas, sendo, posteriormente, tornadas unidades orgânicas autônomas.

As informações públicas sobre a história da Faculdade de Ciências Sociais da UAN explicam que:

A Faculdade de Ciências Sociais é uma das novas unidades orgânicas da Universidade Agostinho Neto. Foi criada no ano de 2009, através do decreto nº 7/2009, de 12 de maio (artigo 7º). Vários constrangimentos levaram a que o seu funcionamento só fosse concretizado a partir do dia 25 de outubro de 2010, com a extinção formal da Faculdade de Letras e Ciências Sociais e da nomeação, pelo magnífico reitor da UAN, dos decanos e vice-decanos de duas novas faculdades: a de Ciências Sociais e a de Letras. Aquela, assume a herança da extinta faculdade de Letras e Ciências Sociais, mas com uma clara orientação para a mudança, procurando conciliar o desenvolvimento institucional e sustentável, em constante abertura e relação com a comunidade envolvente, no âmbito da região acadêmica em que se inscreve, nos planos nacionais, regional e internacional.<sup>21</sup> (UAN, n. p., on-line).

A Faculdade de Ciências Sociais constitui-se como uma das unidades orgânicas da UAN, destinadas à formação de estudantes em níveis de graduação e pós-graduação. Atualmente, são oferecidos cursos superiores nas áreas de Antropologia, Ciência Política, Comunicação Social, Geodemografia, Gestão e Administração Pública, História, Psicologia e Sociologia. São ofertados, também, cursos de mestrado em Ciência Política, Administração, Psicologia Social e Sociologia, além de um curso de doutoramento em Ciências Sociais, valendo ressaltar ser esse o único do país.

Sendo uma faculdade recente, com pouco mais de uma década, nascida no pós-guerra, são inúmeros os desafios aos quais tem de fazer frente; e ainda assim com a incumbência de promover uma produção intelectual e teórica que consiga analisar as dinâmicas e complexidades que regem e organizam a sociedade angolana. Depois de uma década, a FCS ainda enfrenta problemas que são considerados incoerentes quando observados pelas lentes do tempo de existência da Faculdade. São, especialmente, os problemas infraestruturais: falta de salas de aula adequadas, serviço de internet com limitações, biblioteca com acessos limitados, acervo bibliográfico com algumas ausências. Aspectos que acabam por concentrar

---

<sup>21</sup>Disponível em: <<https://uan.ao/faculdades/ciencias-sociais>>. Acesso em: 12/04/2020.



observações por parte dos corpos docente e discente. A situação acaba interferindo na própria dinâmica universitária, refletindo em prejuízos acadêmicos, que depois se expressam no mundo do trabalho. Como assinalam Liberato e Bota:

Os constrangimentos que o ensino superior e as universidades angolanas têm enfrentado desde o período pós-independência colocaram para aquele nível de ensino desafios estruturais e uma pressão para uma necessidade urgente de reforma, a partir do seu interior. No que toca à formação em Ciências Sociais, o cenário apresenta-se ainda mais complexo, na medida em que é encarada socialmente como a área de formação para o desemprego. (Liberato e Bota, 2019, p. 2724).

É interessante assinalar que tanto a reflexão crítica que vem sendo produzida em Angola acerca do seu ensino superior, nesse caso, na interface das Ciências Humanas, como a própria narrativa institucional, e aqui apontamos para o trecho da história da FCS já destacado, indicam a situação do constrangimento para o início das atividades acadêmicas e para o avançar dessas. Considero que essa situação seja, ainda, não só um reflexo de um país que tem se ocupado na organização interna pós-guerra, sendo esse um elemento ainda atual.

A própria resistência histórica ao ensino das Ciências Sociais em Angola (Kajibanga, 2009) transparece nessas dificuldades estruturais, resultantes de uma operação que desencontra recursos, melhorias e formulações de políticas educacionais mais eficazes. O efeito sentido nas observações de discentes e docentes é também percebido na situação obstruída das próprias contribuições que a FCS pode e deve oferecer à sociedade angolana, à medida que essa é uma das instituições públicas que tem como intuito, também, em seu bojo diretivo, refletir sobre as complexidades da vida angolana e oferecer questionamentos para serem discutidos na cena pública. Porém, como me foi dito algumas vezes pelo corpo estudantil, na maior parte das vezes de modo irônico: “*É a nossa Faculdade*”. Sendo, portanto, um espaço tomado e manejado pelos grupos de estudantes que ali ingressam, mesmo a despeito de todas as limitações e obstruções.

## 2 Estudar para ser a “Mãe Grande”<sup>22!</sup>

À tarde, conversei<sup>23</sup> com a Kutuna<sup>24</sup> e a Kibuku<sup>25</sup>. Esta ficou tímida e nervosa, como ela confessou ao final da nossa entrevista, que já se transformara em um bate-papo informal. Ela me contou das suas experiências familiares, ligadas à educação. Ela queria mesmo ter cursado Direito, e não História, mas se apaixonou por esta por conta da capoeira; mas não só. Contou de seu avô, momento em que se emocionou. Relatou que todas as suas irmãs são licenciadas (inclusive, todas fizeram formação no Brasil). E ele, o avô, não tinha estudado nem até a 4ª série. Segundo ela, o senhor branco/colono não permitia. Dizia que “preto não precisa estudar”. E, assim como seu avô, seu pai também não estudara, diferentemente dela, que está na universidade, e de suas irmãs, que estão todas formadas. Kibuku olhou nos meus olhos e disse: “Hoje, os negros podem olhar para os brancos, para os portugueses e falar: “olha, eu faço tudo que você faz; tenho a mesma capacidade que você e a cor não influencia!” (Luanda, 03 de novembro de 2017).

Mesmo com as situações que condicionam a FCS em alguns constrangimentos, estar na universidade, para boa parte do corpo estudantil ao qual tive acesso, é motivo de alegria, distinção e de esperança. O capital educacional e simbólico (Bourdieu, 2001) que a FCS concentra revela-se nas falas e nos depoimentos de estudantes de vários cursos e turnos diferentes. Alguns deles indicam que ali, naquele espaço, existe a possibilidade de uma boa formação, garantida pelo contato com um corpo docente do qual fazem parte alguns destaques nacionais da intelectualidade angolana. A

---

<sup>22</sup>O termo Mãe Grande tem muitos sentidos nas conversas em Luanda, quando esse termo é acionado pode ser vinculado às posições que condicionam a mulher na família, nas relações afetivas, maritais, com a vizinhança, com o bairro. Denota um lugar de prestígio, de relevo e de respeito. Muito utilizado para se fazer deferência às senhoras mais velhas das famílias angolanas. Ao tentar associar a um termo do Brasil, poderíamos pensar que a Mãe Grande é aquela que deve ser respeitada em todas as circunstâncias. O uso no título do subcapítulo foi extraído de uma conversa informal que tive com uma aluna. Em um dado momento da conversa, ela justifica seu ingresso e esforços de estudo na FCS, pois acredita que essa mobilização irá garantir-lhe um lugar de “Mãe Grande”. Nesse caso, ela associa o sentido de “Mãe Grande” à pessoa que será respeitada pela família, pelos amigos e pela comunidade. No caso dela, a aposta pelo respeito advirá da educação formal, do seu diploma universitário.

<sup>23</sup>Mantenho uma escolha metodológica que importo da tese para este texto. Informo, assim, que não utilizo os nomes próprios das interlocutoras, mesmo havendo autorização para isso. Escolho fazê-lo com nomes em Quimbundo que associam essas pessoas a sensações e detalhes de suas histórias/depoimentos. A escolha do Quimbundo se dá também pelo fato de a pesquisa ter sido realizada em Luanda, província que tem forte presença dessa língua materna angolana.

<sup>24</sup>Kutuna: significa, segundo o dicionário Kimbundo – Português, Alegria.

<sup>25</sup>Kibuku: significa, segundo o dicionário Kimbundo – Português, Felicidade.

formação universitária, em números ampliados, é uma situação recente da educação formal angolana. Em se tratando das Ciências Humanas, esse processo se concretiza efetivamente com a fundação da FCS em 2009, e o seu funcionamento a partir de 2010. Até então, as fronteiras de áreas estavam um pouco fundidas, havendo dificuldade para que os saberes se consolidassem mais e melhor. Com a inauguração da FCS as Ciências Humanas, na sua interface de Ciência Social, ganham espaço e corpo docente e discente próprios.

O censo escolar<sup>26</sup>, a que tive acesso, aponta que a comunidade discente da Universidade Agostinho Neto é a maior dentre as instituições de ensino superior em Angola. Segundo Liberato e Bota (2019), a comunidade estudantil da FCS é uma das maiores na lista das unidades orgânicas de ensino da UAN. Como essa unidade oferece muitos cursos, e também alguns de pós-graduação, faz sentido ter um alto número de estudantes.

Outra informação sobre essa comunidade discente da UAN é que o censo aponta para mais estudantes homens matriculados em detrimento das mulheres. Sabemos que a dificuldade de acesso à educação formal para mulheres é sentida em diversas partes do mundo e, nesse ponto, não seria diferente no continente africano. Foi em razão disso, também, que escolhi realçar dois momentos do campo protagonizados por estudantes mulheres. Essas salientam pontos distintos dessa experiência estudantil e do que elas criam de expectativa. Uma delas é sintética ao formular que a educação lhe trará prestígio, respeito e, conseqüentemente, posição e condição sociais distintas.

Já para a outra, Kibuku, estar na universidade representa derrubar barreiras impostas pelo regime colonial português em Angola. Significa também pensar a condição racial em outros termos. Ela qualifica, aos seus próprios modos e termos, o que pode ser uma interpretação sobre histórico colonial, disputas raciais e concorrências de sentidos. Aciona, ainda, seu próprio depoimento como um registro histórico, como uma fonte que expõe mudanças e que sinaliza a importância do processo educacional na escolarização em todos os níveis.

---

<sup>26</sup>Anuário Estatístico do Ensino Superior, 2015.

Kibuku sabe que ao narrar a sua própria história está expondo também a história de Angola e de como isso acirra a disputa de sentidos e ideias sobre qual ou quais noções e concepções são atribuídas ao passado, ao presente e, inclusive, ao futuro, pois, segundo ela, agora os negros fazem tudo que os brancos fazem e a cor não influencia. Vale destacar que ela encerra o seu depoimento indicando que “a cor não influencia”, mas não deixa de fazer uso do termo e do sentido empregado à ideia de cor, demonstrando, assim, a complexidade que envolve a temática.

Chama atenção também a forma com que Kibuku é seduzida para o curso de História, através da Capoeira, manifestação cultural afro-brasileira também praticada em Angola. Nesse ponto, penso nas inúmeras interlocuções que correm entre Brasil e Angola, e vice-versa, e nesse fluxo de sentidos, ideias, motivações e esforços. Entendo esses diálogos como uma categoria que permite discutir as noções a partir da ideia concebida e apreendida sobre o continente africano, na perspectiva de que é através de Angola que compreendemos a África, e que é também através do Brasil que a percebemos, em um intenso movimento. Noto, assim, que não é possível orientar a discussão em uma perspectiva do que é apenas africano ou não africano, ou mesmo do que é afro-brasileiro ou do que não é. E Kibuku exemplifica com tranquilidade essas modulações.

Elas acabam por se apresentar no ambiente educacional, seja nos sentidos empregados às categorias que são lidas como “autenticamente” africanas ou afro-brasileiras, quando pensamos, inclusive, no que deve ser prioritário no curso de Ciências Humanas da FCS em Angola, formação essa que possibilitará a algumas jovens, inclusive, se tornarem “Mães Grandes”.

### 3 Ciências Humanas “*tá a cuiar*”<sup>27</sup>?

Sáímos por volta das 9 da manhã em dois ônibus. Estudantes de ambos os turnos estavam presentes. Até me surpreendeu a quantidade, sobretudo por ser feriado de finados. Estava ali quase a totalidade de estudantes das turmas que

---

<sup>27</sup>*Cuiar* é um termo correntemente utilizado nas conversas em Luanda. No glossário do livro “Os Transparentes”, do autor Ondjaki, o termo é compreendido como “agrada; é bom” (Ondjaki, 2014, p. 431). Nos termos aqui expostos, o sentido é: Ciências Humanas estão bem? e/ou Ciências Humanas estão a agradar?

tenham sido escolhidas para a atividade. Passamos um dia inteiro percorrendo Luanda, cidade e província. Esse grupo estudantil foi estimulado, ao longo de toda a atividade, a pensar sobre a condição da produção do conhecimento, sobre como escrever a própria história, e que eles “formarão os quadros docentes futuros em Angola”. Reescrever, visitar lugares para revisitar ideias, entender onde os portugueses passaram, saber do período colonial, da escravidão, da escravatura, foram pontos focalizados. O grupo estudantil tomava nota de tudo. Uns com cadernos, outros com celular e, até mesmo, gravador. Existia uma atenção especial a essa atividade, e ao que ela proporcionava. Ao final do dia, voltamos para o ponto de saída que tinha sido a Faculdade. Fui convidada pelo grupo estudantil a ir a uma festa de Semba, mas estava cansada demais e precisava registrar o dia passado (Luanda, 02 de novembro de 2017).

Essa atividade suscitou outras dúvidas acerca das gerências feitas na promoção educacional na Faculdade de Ciências Sociais. A partir desse dia, fiquei ainda mais atenta às observações que indicassem o que poderia ser um “futuro” para as Ciências Humanas em Angola e em que medida a própria Faculdade estava oferecendo estratégias e ferramentas para isso. Nesse dia da aula prático-teórica, muitos foram os momentos de retórica acerca do que poderia ser um pacto pela educação, em Angola, que fomentasse o desenvolvimento do país e, conseqüentemente, com ganhos nacionais.

No decurso da atividade, a professora ministrante fazia questão de apontar que as Ciências Humanas eram de fundamental importância e, particularmente, a História, pois havia ali alunos deste curso e ela tinha um papel fundamental, posto que pertencia às Humanas, universo da escrita, da reescrita, da acomodação ou reacomodação dos sentidos e ideias, das personagens da complexa sociedade angolana e da sua história, cultura e línguas, constituindo, assim, possibilidades para um pensar próprio, com autoria localizada, de um jeito que *cuiasse*, por assim dizer.

Na organização de recursos e investimentos, nota-se que a Faculdade de Ciências Sociais sofre pela ausência desses. A reivindicação que pode ser feita em uma avaliação histórica (Kajibanga, 2009), e que se atualiza (Liberato e Bota, 2019), impede que mais avanços ocorram nas Ciências Humanas angolanas de um modo geral, pois a baixa de orçamentos, e mesmo a limitada estrutura da FCS, não

permitem outros comprometimentos. Vale pensar que a FCS é também a instituição de ensino que concentra áreas específicas do saber, às vezes, sendo, inclusive, a única instituição a oferecer alguns cursos, como é o caso da licenciatura em Antropologia. Seria da FCS também a salvaguarda do registro, da análise e, com isso, do oferecimento à sociedade angolana de reflexões de temas especializados. Ademais, essa disputa por sentidos reflexivos, por assim dizer, é uma demanda que configura a própria condição que recai para quem se forma pela FCS.

O que destaque desse momento é a responsabilidade que a professora projetou nos seus estudantes, vinculando, dessa forma, sentidos para a elaboração de uma cultura de conhecimento sobre e para Angola, feita nacionalmente. Considero que essa posição que almeja garantir uma ampla condição do saber, acaba por ter que negociar com outras projeções daquilo que deve ser ou o que será a formação educacional em Angola, criando, dessa maneira, uma concorrência entre os projetos que se revelam mais orgânicos, ou estritamente intelectuais, e os que ainda se organizam observando a premissa da política governamental, como explica Paxe:

A educação formal na República de Angola sempre constou nas agendas de projetos políticos, não somente nos programas de governo após a independência, como também nas agendas dos movimentos políticos para a independência do país. A educação surge como uma das reivindicações contra a política do governo colonial sob a égide de Portugal, que condicionava este direito a maior parte da população nativa. Após a conquista da independência, em 1975, o governo instituído propôs-se a garantir a educação como instrumento para a consolidação do seu projeto político (Paxe, 2017, p. 15).

Segundo o autor, a educação se configura como um meio pelo qual o Estado angolano buscará se desenvolver, fazendo parte da consolidação das políticas nacionais. Quando a professora instiga o seu grupo a contar ou a recontar a história sobre Angola e suas correlações, de algum modo insere-se também uma análise e, até mesmo, essas próprias posturas de governo, por isso, políticas. Cabendo pensar em quais limites também se encontra essa produção de conhecimento e em que medida esse grupo estudantil, que tem sido considerado como o “quadro futuro”, tem efetivas condições de se consolidar nesse lugar.

Colocando em relevo, qual ou quais modelos de formação e de produção de conhecimento são possíveis na conjuntura que se apresenta. E como isso pode fazer

as Ciências Humanas na FCS *cuiar* ou não *cuiar*, por assim dizer. O imbróglio questiona como fazer para convergir na elaboração de um sistema de educação que busque garantir uma concepção de ensino e aprendizagem que tenha autonomia e que, por outro lado, sustente as concepções de desenvolvimento do próprio país, como afirma Vieira:

Por tudo quanto acabamos de analisar, podemos afirmar que uma relação entre educação e desenvolvimento para além de ser necessária só é possível se a classe política colaborar com a comunidade científica para que essas duas categorias caminhem juntas. É necessário olhar para estas quatro funções da Educação como espaços de unidade, pois só promovendo-as a educação poderá contribuir para o desenvolvimento da sociedade angolana (VIEIRA, 2004, p. 145).

Considero que a noção de pacto pela educação empregada pela professora, na aula prática, quando colocada em interface com a ideia de desenvolvimento nacional, resulta na tese de que para Angola consolidar as suas Ciências Humanas será necessário colocar em perspectiva os problemas herdados do colonialismo, da própria independência, da guerra civil e da paz sem recursos. E que são esses também os imperativos que atravessam os conhecimentos gerados na marcha pela educação como desenvolvimento, e que não seria, inclusive, necessariamente o progresso das Ciências Humanas nacionais.

#### 4 **Mulonde<sup>28</sup>: Movimentando as políticas para a Educação Superior**

Nos últimos anos, diversas reestruturações foram feitas no sistema de educação angolano no que concerne à Faculdade de Ciências Sociais. As últimas reformas que tocam diretamente essa unidade de ensino vinculam-se ao processo das regiões acadêmicas<sup>29</sup>, da carreira dos docentes e, também, das possibilidades de

---

<sup>28</sup>Mulonde, na tradução do Quimbundo para o Português (2016), significa Ponte.

<sup>29</sup>Segundo o decreto número 5, de 2009, o Estado angolano criou sete regiões acadêmicas, sendo assim estabelecidas: I – Províncias de Luanda e Bengo; II – Benguela e Kwanza Sul; III – Cabinda e Zaire; IV – Lunda Norte, Lunda Sul e Malanje; V – Huambo, Bié e Moxico; VI – Huíla, Namibe e Kuando Kubango e VII – Uíge e Kwanza Norte. O decreto que criou as Regiões Acadêmicas foi revogado no ano de 2020. Essa mudança trouxe junto outras alterações no sistema do ensino superior angolano, sendo outras alterações de relevo a fusão de unidades de ensino e a criação de novas universidades. Essas alterações, até onde houve acesso às informações, estão em andamento.

investimentos em áreas de pesquisa. Há uma crítica (Liberato, 2019) direcionada a essas mudanças, que têm um ponto embutido nessas reflexões sobre as reformas do ensino superior, que encaminham para um distanciamento por parte das instituições públicas angolanas reguladoras do setor, bem como o próprio legislativo de Angola, juntamente com o executivo, que pensa por seus próprios modos, sem necessariamente convidar as partes mais interessadas: discentes e docentes.

Considerando como Angola tem buscado se entender enquanto país, assim está sendo com a educação superior e, mais especialmente, com a FCS, que é uma jovem unidade orgânica. Os desafios se organizam desde a recepção aos estudantes até a manutenção de um sistema de ensino que garanta um mínimo de inserção. As movimentações que têm sido feitas pelo Executivo, via MESCTI<sup>30</sup>, ainda não conseguem criar um clima de estabilidade e avanço. Nota-se isso em virtude das sucessivas reformas, mudanças de decretos e outras alterações institucionais. Considero, inclusive, esse ponto uma questão que merece atenção mais detalhada, ficando, aqui, apenas um apontamento breve sobre essas movimentações que afetam diretamente a criação do cotidiano e de uma rotina acadêmica, por assim dizer.

Aqui, o que se objetivou foi uma apresentação de caráter etnográfico, da Faculdade de Ciências Sociais, e, a partir disso, apontamos alguns pontos sobre o ensino superior em Angola; como ele vem se consolidando, quais os desafios, possibilidades e incongruências. Buscando, assim, responder às questões iniciais desse texto: Como tem sido a vida acadêmica da Faculdade de Ciências Sociais da UAN? Como seria “fazer” Ciências Sociais em Angola, em Luanda? Considero que as respostas ofertadas contemplam mais entendimentos sobre o perfil que uma Faculdade de Ciências Sociais pode ter no continente africano, o que ela tem mobilizado, acionado, incluído e descartado. Além disso, privilegiei também ao pensar sobre as Ciências Sociais enquanto disciplina e formação, mesmo que brevemente, como tem se constituído as Ciências Humanas em Angola, sobretudo na sua capital. Contudo, não deixo de ressaltar que os aspectos aqui trazidos são mesmo de notas,

---

<sup>30</sup>Em 2010 nasceu o MESCT – Ministério do Ensino Superior e da Ciência e Tecnologia. Esse ministério é fruto da fusão da Secretaria de Estado do Ensino Superior e do Ministério da Ciência e Tecnologia. Em 2017 houve uma nova reformulação e o MESCT é designado de MESCTI - Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação.



devendo ser aprofundados em outros textos. Reconheço, ainda, que nem todos os pontos puderam ser importados da pesquisa para este texto.

Avalio que mesmo com os constrangimentos e apuros vividos e passados, há um ímpeto incutido na comunidade docente e discente da FCS, em nome da formulação de uma educação que produza e dissemine o conhecimento angolano elaborado internamente. O movimento, especialmente feito por discentes e docentes, constitui-se em um esforço para um futuro no qual se tem tentado criar pontes, tentando fazer *mulondes* para a sustentação de uma outra Angola.

## Bibliografias

ANGOLA. “Decreto n° 5/09 (2009)”. Cria as regiões acadêmicas que delimitam o âmbito territorial de atuação e expansão das instituições de ensino superior. Revoga toda a legislação que contrarie o disposto no presente diploma. *Diário da República*, Iª série, n° 64, p. 1707-1708.

ANGOLA, Ministério do Ensino Superior; Instituto Nacional de Estatística. *Anuário Estatístico do Ensino Superior ano 2015*. Instituto Nacional de Estatística - República de Angola. Luanda: Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística, 2ª Edição, setembro de 2015.

ANGOLA. *Decreto presidencial n° 280/18 de 27 de novembro*. Aprova o estatuto remuneratório da carreira do docente do ensino superior. Iª série, n° 178, p. 5303-5304.

ANGOLA. *Decreto presidencial n° 191/18 de 8 de agosto de 2018*. Aprova o Estatuto da Carreira Docente Universitária. I série, n° 118, p. 4111-4125.

BOURDIEU, Pierre. “O capital social: notas provisórias”. In: Nogueira, Maria Alice; Catani, Afrânio (orgs.) *Escritos de educação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CANDEMBO, Silva; CARVALHO, Paulo de. O calar das armas foi a principal conquista da Paz, *Revista Angolana de Sociologia*, n. 11, 2013.

GONÇALVES, Zetho Cunha. *O Sábio de Bandigara. Esconjuros, Ebriedades e Ofícios*. Lisboa: Maldoror. 2018.

JACOB, Berta Maria Oliveira. Breve História de Luanda. In: Jacob, Berta Maria de Oliveira. *A Toponímia de Luanda – Das memórias coloniais às pós-coloniais*. Lisboa: Universidade Aberta. Dissertação de Mestrado, 2011.

KAJIBANGA, Vítor. “Sociologia em Angola: paradigmas clássicos e tendências actuais”. *Revista Angolana de Sociologia*, Luanda, n. 4, 2009.

LIBERATO, Ermelinda. “Reformar a reforma: percurso do ensino superior em Angola”. *Revista Transversos*, nº 15, abril, 2019.

LIBERATO, Ermelinda e BOTA, Martins. “A formação em ciências sociais: constrangimentos e desafios da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto (FCS-UAN)”. In: Panjota, Selma (org). *Leituras cruzadas sobre Angola: saberes, culturas e políticas*. Volume 2 / organização. - 1. ed. - Jundiaí [SP]: Paco, 2019.

MICAS, Lígia Helena. “O lugar do leitor no panorama literário atual de Angola”. *III Seminário de Pesquisa da Fespsp*. 2014.

ONDJAKI. “Glossário”. In: Ondjaki. *Os Transparentes*. Luanda: Texto Editores, 2014.

PAXE, Isaac. *Políticas Educativas em Angola*. Um desafio do direito à Educação. Luanda: Casa das Ideias. 2017.

PEREIRA, L. N. N. 2008. Os Bakongo de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda. Tese de Doutorado em Antropologia Social, São Paulo: Serviço de Comunicação Social. FFLCH/USP.

SANTOS, Francisco F. A. (Xikitu). *Aprenda Quimbundo facilmente. Dilonge Kimbundu Kyantongoloka*. 1 Edição. Luanda: Nova Chá de Caxinde. 2016.

VIEIRA, Laurindo. *Angola: a Dimensão Ideológica da Educação*. Luanda: Editorial Nzila/E.A.L – Edições de Angola. 2007.

**Recebido em:** outubro de 2023

**Aceito em:** janeiro de 2024

## COMO REFERENCIAR

ASSIS, Yérsia Souza de. As Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto: notas sobre um cotidiano acadêmico angolano. *Latitude*, Maceió, v. 18, n. 1, p. 48-64, 2024.